

O “TAPUITINGA” ANSELM ECKART E OS ÍNDIOS NA AMAZÔNIA PORTUGUESA: REPRESENTAÇÕES E MEDIAÇÕES (1753-1757)

Karl Heinz Arenz
Universidade Federal do Pará
karlarenz@ufpa.br

Resumo: No início da década de 1750, vários jesuítas em proveniência da Europa Central chegaram à Amazônia portuguesa. Os índios os designaram de *tapuitinga*, isto é, bárbaros brancos, para diferenciá-los dos padres portugueses e luso-brasileiros. Dentre esses novos missionários encontrou-se o padre Anselm Eckart. Além de ser um dos prováveis autores de três dicionários em Língua Geral Amazônica, este jesuíta deixou diversas anotações, arquivadas na Torre do Tombo em Lisboa, nas quais ele mostra o seu interesse em relação aos povos indígenas do Grão-Pará e Maranhão. O presente artigo visa entender, a partir desses escritos pessoais, o processo de aprendizado de um missionário centro-europeu conforme os conceitos etnológico-teológicos do seu tempo. A cópia seletiva de trechos das *Notícias das cousas do Brasil* de Simão de Vasconcelos e observações feitas *in loco*, evidenciam os métodos pelos quais o padre tentou se aproximar dos nativos da região. A sua deportação em 1757, ocorrida dois anos antes da expulsão geral dos jesuítas, deve-se, em grande parte, a sua insistência na autonomia das missões que resultou desse seu acentuado interesse pelos indígenas, cujos costumes e línguas ele se esforçou de compreender e sistematizar.

Palavras-chave: padres “tapuitinga”, índios amazônicos, medidas pombalinas

Dentre os diversos escritos acerca dos povos indígenas no Estado do Grão-Pará e Maranhão, as anotações redigidas pelo padre alemão Anselmo Eckart da Companhia de Jesus são pouco conhecidas. Os referidos escritos se encontram em uma pasta composta de cadernos e folhas avulsas que, identificada como “Papeis do P. Anselmo Eschard”, está arquivada na Torre do Tombo em Lisboa (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4). A grande maioria dos documentos consiste em manuscritos do padre, principalmente anotações pessoais e rascunhos de cartas, além de missivas recebidas de conhecidos e algumas folhas impressas, como formulários em uso na Companhia de Jesus ou páginas arrancadas de almanaques com conteúdo variado. Esse conjunto, sem ordem evidente, revela certos traços da personalidade e da trajetória do jesuíta. Um deles é seu apego a ordenar o tempo, conforme indicam as listas com a rotina diária das casas de formação da Companhia e as tabelas com os horários do nascer e do pôr do sol em sua região natal. Outro é e seu interesse por plantas, como mostram as várias descrições da flora, sobretudo, da mandioca com seus diversos derivados, além de sua curiosidade etnográfica e linguística.

O que nos interessa aqui são as anotações acerca desses dois últimos aspectos. Entendemos essas notas do padre Anselmo como instrumentos de familiarizar-se com os futuros sujeitos de seus esforços catequéticos. As frequentes rasuras, o grande número de abreviações e a troca constante de língua – latim, português, alemão e, embora menos,

Língua Geral – realçam o caráter pessoal esses escritos. Quanto à aplicação de diversos idiomas, convém apontar que Anselmo Eckart só ficou quatro anos na Amazônia, tendo, portanto, pouco tempo disponível para se aperfeiçoar mais profundamente em português e na Língua Geral. De fato, tendo chegado em julho 1753 a São Luís do Maranhão, Eckart já foi forçado a deixar a região em novembro de 1757, acusado de desobediência às novas leis que ordenaram aos missionários de se afastar da “administração temporal” das missões e, por conseguinte, dos índios (PAPAVERO & PORRO, 2013, p. 15 e 24).

Num primeiro momento apresentaremos, de forma concisa, a trajetória de Anselmo Eckart, atentando-nos à sua produção bibliográfica que, de certa forma, acompanhou seus percursos que o levaram não só à Amazônia, mas até o Império Russo. Em seguida, analisaremos as representações acerca dos povos indígenas da Amazônia, tais como se evidenciam nas anotações que o padre redigiu durante sua breve estadia no Grão-Pará e Maranhão. Enfim, dissertaremos sobre os diferentes métodos de aprendizagem aplicados por Eckart no intuito de aproximar-se do universo sociocultural e religioso-simbólico dos que seriam os sujeitos de seu zelo missionário.

Na nossa análise, entendemos como representações as formas de percepção e construção de significados que engendram imagens, discursos e atitudes – geralmente, coletivos – sobre uma dada realidade sociocultural que, no caso presente, é a dos índios amazônicos (CHARTIER, 1991). Pressupomos que as representações foram construídas dentro de uma dinâmica de constante mediação cultural, no sentido de uma crescente “convergência de horizontes simbólicos” diferentes. Esta, sem se reduzir a um binarismo antagônico “nós-eles”, gera múltiplos “códigos compartilhados” que, enquanto modos de pensar o “outro” e fazer acordos com ele, estabelecem um complexo “jogo de comunicação” entre as culturas envolvidas (MONTERO, 2016). O fato de as anotações consistirem em registros, “rabiscados” com certa pressa, revela o anseio do missionário de logo se fazer uma imagem de seus futuros catecúmenos e poder comunicar com eles.

Os percursos e os escritos de Anselm Eckart

A trajetória de Anselm Eckart é profundamente marcada por processos e eventos que impactaram o século XVIII, como as reformas pombalinas, inspiradas nas ideias iluministas então em voga, ou a supressão da Companhia de Jesus, motivada por políticas

de cunho protonacional que se desconfiaram desta instituição de vocação universal. Anselm Franz Dominik Eckart nasceu em 4 de agosto de 1721 na cidade de Bingen, no vale do Reno, filho de uma família abastada e politicamente engajada no então Eleitorado de Mogúncia (Mainz), um dos principados do Sacro Império Romano-Germânico. Seu pai, Franz Peter Eckart, era conselheiro do eleitor-arcebispo. Um pouco antes de completar dezenove anos, Anselm entrou no noviciado na Companhia de Jesus, em 12 de julho de 1740, realizando, em seguida, o programa formativo comum, ou seja, filosofia (1742-1743), regência (1743-1747) e teologia (1748-1751). Ordenado sacerdote em 1751, ele partiu, no ano seguinte, para Lisboa, pois seu destino missionário foi a Vice-Província do Maranhão. Na corte portuguesa, ele encontrou a rainha-mãe, D. Maria Ana de Áustria, que, influenciada pelo padre austríaco Rochus Hundertpfundt, procurador do Maranhão na metrópole em 1749 e 1750, estimulava o envio de jesuítas centro-europeus para a colônia amazônica (MIRANDA & MIRANDA, 2014, p. 224-226 e 282-285). Assim, no dia 1º de junho de 1753, Eckart embarcou para o Maranhão, junto com os cinco padres de diversas partes da Europa central, além de oito estudantes escolásticos e três coadjutores temporais portugueses. Esse grupo numeroso aportou no dia 16 de julho em São Luís do Maranhão (PAPAVERO & PORRO, 2013, p. 11; LEITE, 1949, p. 204).

Os padres centro-europeus logo se deram conta de que foram percebidos como sendo diferentes, mesmo pelos indígenas. O húngaro Davíd Fáy (1942, p. 268-269), companheiro de viagem de Eckart, observou a esse respeito:

Tapui significa bárbaro; por isso se alguem dá o nome ao povo daqui, não gostam, embora eles nos dêem o mesmo nome a nós outros que somos brancos, mas não lusitanos: mas acrescentam ao nome a palavra tinga, que significa branco, donde Tapuíringa [*sic*], isto é, bárbaro branco. Aos lusitanos chamam, mais honestamente, de caraíbas, o que também significa branco, mas a palavra tem origem mais elevada, pois vem de caraíbebé, que significa anjo. No entanto gostam mais de nós e sabem distinguir entre nós e os lusitanos. Um índio veio ao Maranhão, da aldeia de Pindaré; estando todos nós no quarto do P. João Szluha, veio ter conosco, abraçou-nos disse a cada um de nós: Taputinga Katu, Taputinga Katu, isto é: o bárbaro branco é bom, o bárbaro branco é bom, rindo e pulando de alegria.

Implicitamente, esta diferenciação entre portugueses e não portugueses será usada mais tarde pelas autoridades para questionar a lealdade e confiabilidade dos “padres alemães” com respeito às medidas sociopolíticas, econômicas e estratégicas, concebidas

pelo secretário régio Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro Marquês de Pombal, no início do reinado de D. José I (MAXWELL, 1996; DIAS, 1984; FALCON, 1982).

Para aprender a Língua Geral do tronco linguístico tupi-guarani, falada tanto nos aldeamentos dos religiosos quanto nas casas dos moradores, o padre Anselmo foi enviado para a missão de Piraguiri no vale do rio Xingu. Seu interesse linguístico se manifestou durante esta experiência de imersão. É justamente nesses meses no Xingu que, ao que tudo indica, que ele escreve boa parte das notas que iremos analisar mais abaixo. Nelas, o jovem padre faz várias vezes referência à missão de Piraguiri. Mas, ele menciona também o aldeamento de Trocano, na foz do rio Madeira, do qual ele foi encarregado nos primeiros meses de 1754. Na missão vizinha de Trocano, em Abacaxis, ele fez a profissão solene do quarto voto, em 10 de outubro de 1755, diante do padre António Meisterburg, um conterrâneo seu que havia chegado à região cinco anos antes (PAPAVERO & PORRO, 2013, p. 20; LEITE, 1949, p. 204).

No rio Madeira, Eckart encontrou o governador-geral do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, meio irmão do Marquês de Pombal. Num primeiro momento, os dois homens mantiveram uma relação amigável, mas a laicização das missões, isto é, sua transformação em vilas e o subsequente afastamento dos religiosos, a partir de 1755, colocou-os em dois campos adversos. De qualquer forma, em Trocano, Eckart continuou a fazer estudos linguísticos, elaborando material catequético nos idiomas dos Ariquena e Baré e contribuindo na composição de diversos dicionários em Língua Geral, notadamente a *Prosódia* e o *Vocabulário da Língua Brasil*, cujos originais encontram-se em Lisboa, além do chamado *Dicionário de 1756*, encontrado em 2012 na Biblioteca Municipal de Trier, na Alemanha (PRUDENTE, 2017, 21-22). Quanto a esse último, ele foi redigido em Piraguiri e confiscado em 1756. Embora de autoria anônima – como as anteriores –, essa obra evidencia entradas de verbetes e acréscimos providos do punho de Eckart (ARENZ & PRUDENTE, 2019, p. 37-50).

Tanto na região do Xingu como na foz do Madeira, o padre Anselmo esteve em estreito contato com seus conterrâneos Lourenço Kaulen (1716-ca. 1797) e Antônio Meisterburg (1719-1799). Ambos eram também originários da Renânia e tinham chegado à Amazônia em 1750, sendo os primeiros do contingente centro-europeu destinado à Vice-Província do Maranhão (MEIER & AYMORÉ, 2005, p. 285-297 e 301-303; LEITE,

1949, p. 307 e 372). Poucos meses após a vinda de Eckart, em novembro de 1753, o padre Kaulen havia apresentado à rainha-mãe Maria Ana um balanço negativo de suas impressões acerca da região, evocando o “estado miserável” dos índios devido à conduta dos moradores lusos. Esses não só dificultariam a catequese, mas também cometeriam diversos abusos, tanto agressões sexuais contra as índias, que serviam de ama de leite nas casas dos colonos, quanto a retenção ilegal da remuneração dos trabalhadores indígenas e a manutenção indevida dos mesmos como escravos (LAMEGO, 1925, p. 282-287).

Na mesma missiva, Kaulen solicitou a intercessão da viúva real para que os padres alemães fossem autorizados a assumir as missões mais distantes nos rios Xingu ou Tapajós, onde os colonos não puderam reivindicar índios para seus serviços. Kaulen sugeriu ainda que mais padres germânicos viessem à Amazônia, caso essas aldeias remotas prosperassem (LAMEGO, 1925, p. 293-294). De fato, a estatística oficial da Vice-Província referente a 1753 indica Meisterburg e Eckart como missionários, respectivamente, em Santa Cruz (provavelmente Abacaxis) na foz do Madeira e em Piraguiiri no vale do Xingu (CATALOGUS, 1753, fl. 189r). Por sua vez, Lourenço Kaulen atuava, a partir de 1754 ou 1755, na missão de Piraguiiri (LITTERÆ, 1755-1756, MEIER & AYMORÉ, 2005, p. 286)

A presença dos três padres alemães nesses lugares teve uma conotação sociopolítica, pois a proximidade à zona de delimitação entre os domínios castelhano e luso, conforme o Tratado de Madri (1750), conferiu a esta área fronteira grande relevância geoestratégica. Ainda que os jesuítas estivessem naqueles anos de 1753 a 1755, em uma “confluência de interesses” com colonos e autoridades (SOUZA JR., 2012, p. 147-148), algumas atitudes de Kaulen, Meisterburg e Eckart não demoraram a contrariar o governador Francisco de Xavier de Mendonça Furtado. Assim, os inacianos alemães redigiram, como já foi apontado, dicionários da Língua Geral, apesar da ordem régia de favorecer e propagar o uso do português (PRUDENTE, 2017, p. 126-163). Além disso, eles negaram a cessão de remadores e víveres para diversas expedições. Em várias cartas, o governador acusa a desobediência dos três padres. Ele se queixa, sobretudo, de Lourenço Kaulen, caracterizado, em várias cartas, de “verdadeiro regulo e absoluto” com “corruptíssimas ideyas, todas abomináveis” (MENDONÇA, 2005). Percebe-se o quanto

a veemente insistência dos padres alemães na autonomia das missões foi interpretada como resistência obstinada à progressiva secularização das mesmas.

Quanto a Anselmo Eckart, ele atuou, após a expulsão de seu confrade português Antônio José, como missionário em Trocano, onde ficou até junho de 1756 (MEIER & AYMORE, 2005, p. 286). O afastamento de Antônio José da aldeia de Trocano foi uma das primeiras expulsões. Conforme Serafim Leite (1949, p. 305-306), esse padre

Foi um dos primeiros atingidos pela perseguição, e exilado para o Reino em 1755. Pretexto foi o ter enviado ao Governador do Pará, uma carta, vinda das missões do Mato Grosso, não por um homem da sua missão de Trocano, mas por um secular. O Padre mandou-a pelo secular, porque a canoa da missão estava então no Pará, e o Padre não quis demorar a carta para ser amável com o Governador.

Mas também Eckart não permaneceu muito tempo em Trocano. O jesuíta José Caeiro (s/d, fl. 106v-108r) observou que Eckart foi suspeito de ser engenheiro militar, como também seu conterrâneo Antônio Meisterburg. Em 13 de junho de 1756, ele é intimado de se apresentar no Colégio de Belém. Impedido de voltar rio acima, Eckart fica a partir de então no Pará. É provável que, entre junho de 1758 e novembro de 1757, ele tenha atuado ainda na missão de Caeté (hoje Bragança), próximo ao litoral atlântico (LEITE, 1949, p. 204). Junto com outros padres tidos como suspeitos, entre os quais Kaulen e Meisterburg, ele é definitivamente desterrado da Amazônia em 28 de novembro de 1757 (ARRILLAGA, 2003; ARRILLAGA & ARENAS, 2009).

Eckart chegou ao reino em 12 de fevereiro de 1758 e foi logo confinado na residência jesuítica de São Pedro Fins, na região do Minho. Em 12 de setembro de 1759, ele foi oficialmente preso e transferido para o cárcere de Almeida. Lá, entre outros objetos, lhe foram confiscados vários livros e papéis, além de tinta. Tudo permite crer que suas anotações pessoais também foram aprendidas naquela ocasião. Enfim, em fevereiro de 1762, o padre Anselmo foi levado para o forte de São Julião da Barra, onde permaneceu até março de 1777, logo após a morte do rei D. José I e a deposição do Marquês de Pombal. Seus conterrâneos renanos Kaulen e Meisterburg estiveram encarcerados no mesmo lugar até a liberação geral (PAPAVERO & PORRO, 2013, p. 24-28).

Livre, Anselmo Eckart voltou, em julho do mesmo ano, via Gênova, para a sua terra natal após vinte e quatro anos de ausência, dos quais dezoito passados em prisões.

Ele encontrou acolhida na casa de seu irmão mais velho, Heinrich Christian Adam, cônego e alto funcionário a serviço do Eleitor de Mogúncia, em Bingen. Lá ele redigiu suas memórias do cárcere, publicados em 1779-1780, (ECKART, 1987). Ele afirma, logo no começo, que “a longa cadeia de calamidades caídas sobre a Companhia” teria iniciado já em 1754 com a morte da rainha pró-jesuítica Maria Ana (ECKART, 1987, p. 17-19).

Em 1792, com a chegada das tropas revolucionárias francesas, que vão ocupar as terras à margem esquerda do Reno e, em seguida, incorporá-las à República Francesa, Eckart se transfere para junto de seu amigo Christoph Gottlieb von Murr em Nuremberg. A estadia nesta cidade será muito significativa, pois Eckart fornece a este polímata e poliglota muitas informações relevantes sobre a Amazônia, seus habitantes, suas línguas e sua natureza, além de detalhes referentes à política pombalina e à expulsão dos jesuítas. O padre Eckart inscreve-se assim na longa lista de jesuítas expulsos que, de volta em lugares seguros na Europa, contribuíram com seus conhecimentos e experiências a refinar o saber acerca de outros povos e culturas (NEBGEN, 2019, p. 195-213).

Com base em informações fornecidas pelo padre Eckart, Murr publicou em 1785, os chamados *Aditamentos à “Descrição das Terras do Brasil” de Pedro Cudena e às “Notas à Sexta Contribuição de Lessing para a História e a Literatura”* (ECKART, 2013, p. 54-128 e 153-396 [fac-símile]). Trata-se de correções e acréscimos a uma publicação, de 1780, de um escrito colonial acerca do Brasil e do Grão-Pará e Maranhão da suposta autoria do navegador ítalo-espanhol Pedro Cudena ou Cadena, de 1634. A edição alemã foi realizada pelo escritor e então curador da Biblioteca Ducal de Wolfenbüttel, Gotthold Lessing, e seu amigo, o reitor da Escola Superior Ducal, Christian Leiste. Não contente com sua publicação, Leiste se havia dirigido a Murr que solicitou uma revisão crítica ao padre Eckart (PAPAVERO & PORRO, 2013, p. 35-37). Esse atualizou, com base em suas experiências e, também, suas mágoas – em razão de sua expulsão e longa prisão –, dados geográficos e precisou a descrição de certas plantas e animais, além de acrescentar cenas etnográficas e comentar as decisões políticas de então.

Ao avaliar a importância dos *Aditamentos* de Eckart para o conhecimento da biota e da sociedade colonial da Amazônia e dos contingentes indígenas a ela mais ou menos integrados, não se deve perder de vista a natureza circunstancial e sem estrutura própria da sua obra, feita de aditamentos e correções pontuais a texto de outro autor. É por isso, sem dúvida que ela foi praticamente ignorada nos estudos sobre a vida na Amazônia em meados do século XVIII. A única

obra impressa disponível nessa época era a de La Condamine (PAPAVERO & PORRO, 2013, p. 38).

Após uma nova mudança, desta vez para a cidade de Augsburg, no sul da Alemanha, o padre Anselmo foi, com 82 anos de idade, em 1803, à Rússia. Por ser um dos poucos países que deu refúgio aos membros da interdita Companhia de Jesus, o Império Russo permitiu uma atuação restrita a esses religiosos nas suas províncias ocidentais de influência católica, pois habitadas por lituanos e poloneses. Eckart, tornou-se ajudante do mestre de noviços em Dunaburgo (hoje Daugavpils, na Letônia). Um de seus noviços foi o padre holandês João Rothaan, superior geral entre 1829 e 1853, já após a restauração da Companhia de Jesus. Enfim, o padre Anselmo faleceu com quase oitenta e oito anos de idade na cidade de Polotsk (hoje Polatsk, na Bielorrússia) no dia 29 de junho de 1809 (LEITE, 1949, p. 205; NEBGEN, 2003).

A aproximação ao universo indígena por Anselm Eckart

Os “Aditamentos” de 1785 constituem, de certa forma, um complemento às anotações, feitas em meados da década de 1750, pois ambos os escritos focam, em grande parte, nos povos indígenas, seus modos de vida e sua integração na rede de aldeamentos. No entanto, as notas foram redigidas em uma situação presencial, refletindo, por isso, de forma direta e mais autêntica, os diferentes métodos de aprendizado aplicados pelo padre Anselmo para se aproximar do universo indígena.

Antes de analisarmos mais de perto os manuscritos, convém fornecer algumas informações sobre o conjunto dos “Papeis do P. Anselmo Eschard”, arquivado na Torre do Tombo. O maço em questão contém, conforme a folha de rosto, variados escritos, dentre os quais: cartas; apontados; memórias, cadernos em “lingoa Tapuya”; pacotes de papel “escrito com riscos”; cadernos de várias memórias; uma pasta encadernada de memórias; um livrinho de apontados; um catálogo dos padres do Maranhão de 1756; a licença para confessar e pregar do padre Eckart, formulários para inquirições internas da Companhia, além de diversos livros, tratando, respectivamente, do terremoto de 1755, do sebastianismo e um catecismo “na lingoa da América” (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4). Examinando os documentos contidos no maço e comparando-os com a lista acima transcrita, percebe-se que eles não estão mais na ordem indicada. Seja como for, em seguida, nos concentramos em fólhos manuscritos – avulsos e sem numeração – que

integram os papéis identificados como “apontados” e “memórias” e que tratam, de forma explícita, de diversos costumes dos índios e da Língua Geral.

O maço abrange escritos que, conforme as datas nele inseridas, vão do ano de 1754 até 1759, como mostra uma lista contendo o número de confissões, feitas ou ouvidas em 1758 e 1759, e um cópia da apologia acerca da expulsão (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4). De maneira geral, as notas permitem perceber os interesses e preocupações, internas e externas, do jovem missionário alemão que se encontrou frente a um ambiente que lhe era ainda pouco familiar e, também, em meio a turbulências políticas cuja gravidade ele não podia antever, nem avaliar criteriosamente. Sintomático para dessa fase preparatória ou introdutória, na qual Eckart estava se encontrando, é a frequente mudança de língua: ora latim, ora alemão (com claros traços dialetais), ora português, ora em Língua Geral.

Tudo indica que as anotações, que aqui enfocamos, foram redigidas entre os primeiros meses de 1754 – pois este ano aparece em diversos fólios analisados, inclusive com a precisão concreta *hoc anno 1754* (nesse ano de 1754) – e meados de 1756, quando Eckart foi forçado a retirar-se para Belém. É possível dividir as partes escolhidas em três “blocos”. Um primeiro, que se encontra no início do maço, contém informações acerca da situação geográfica de certas missões e fortalezas, além de descrições do uso múltiplo da mandioca. Um segundo, no meio do maço, se resume a excertos parafraseados da obra do jesuíta Simão de Vasconcelos (1668, p. 134-285), *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil*, que abordam os principais costumes e rituais dos índios. Enfim, o terceiro, que segue logo o segundo, consiste em exercícios e observações concernentes à Língua Geral. Esse último “bloco” está relacionado aos trabalhos linguísticos de cunho lexicográfico realizados por Eckart entre 1754 e 1757 (PRUDENTE, 2017, p. 21-22).

Quanto aos métodos de aprendizado, é possível identificar basicamente três. O primeiro, isto é, as observações próprias a partir de certas circunstâncias identificadas como interessantes ou “curiosas”, revelam certo fascínio do autor pelo multiuso da mandioca, acontecimentos como acidentes ou epidemias, além de cenas do cotidiano. Depois, o estabelecimento de um conhecimento de praticidade imediata mostra a intenção do padre de familiarizar-se com especificidades linguísticas, no intuito de instaurar uma comunicação rápida com os indígenas. Enfim, a adaptação de informações já estabelecidas por outros autores à realidade vivida naquele momento é demonstrada pelos

excertos da já referida obra do padre Simão de Vasconcelos. Implicitamente, percebe-se também a influência do tratado *De procuranda Indorum salute*, de cunho etnológico-teológico, do padre José de Acosta (1588-1589). Muito lido nos colégios da Companhia de Jesus, esta obra afirmou a receptividade dos índios das “terras baixas” em relação ao Evangelho, embora fossem qualificados de “bárbaros”. É importante destacar que, no proceder de Eckart, manifesta-se a rotina de um aprendizado sistemático, adquirido durante o período de sua formação, inclusive os quatro anos de regência pedagógica.

Alguns exemplos explicitam os métodos aplicados pelo padre. O primeiro refere-se a suas observações referentes ao múltiplo uso da mandioca. Eckart é fascinado pelas muitas maneiras de aproveitar esta fécula. Assim, bem no início de suas anotações, ele compara, numa passagem em latim, perpassada por expressões em alemão, a fabricação de um antitóxico, cujo gosto amargo travaria a boca como o da fruta do abrunheiro quando mastigado. Por sinal, esta planta, comum no vale do Reno, é desconhecida na Amazônia:

[A mandioca] é também um antitóxico; a fumaça [que sobe] da massa, que é toda escura, com um tom *amarelo*, faz que, uma vez esta inalada, as impurezas fiquem presas na garganta; a garganta se fecha como [no caso de] nossos *abrunhos que ardem*; e assim se engasga (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4).¹

De fato, a comparação de gostos e aparências de plantas tropicais com europeias e, também, de modos de fabricação da farinha ou da fermentação do sumo da mandioca com métodos que ele conheceu de sua terra, se repete nas notas. Mas, Eckart recorre também à mitologia grega, muito ensinado no curso das Humanidades nos colégios, para ilustrar o procedimento no preparo do cauim, outro derivado da mandioca de seu interesse, pois o menciona várias vezes ao longo de suas anotações:

São as velhinhas que a [massa] mastigam, cada uma por si, e depois a cospem fora. Caso beber o sumo exprimido, antes de ter sido bem cozido, ele causa uma morte certa: também o vapor que sobe do recipiente é nocivo; por isso, são as velhinhas que têm que fazer o cozimento, pois elas já estão com um pé no barco de Caronte [ajudante de Hades] (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4).²

Até o aprendizado da língua passa por observações que são guiadas por interesses particulares do padre Anselmo. Assim, várias páginas de almanaque, que se encontram na pasta e que indicam as posições da lua, revelam seu fascínio pela astronomia. Também

¹ Traduzido do latim e do alemão (em itálico) pelo autor.

² Traduzido do latim pelo autor.

numa lista de vocábulos português-Língua Geral, estabelecida por ele, Eckart dá muito destaque à lua, visto que esse satélite da terra é fundamental para a definição do tempo. Dessa feita, a lua aparece sob suas várias formas, em Língua Geral, português e alemão:

tem alg^{as} boas expressões. vg [vulgares ou comuns]:
Lua Jacý. *A mãe das frutas.*
Che[li]a. Jacý robá goaçu, *O grande traseiro da mãe das frutas: lunæ deliquiũ [eclipse lunar], Jacý omanó (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4)³*

Para se familiarizar com os sons da Língua Geral, Eckart se refere a seus amplos conhecimentos linguísticos. Assim, ele identifica articulações de sons que lhe parecem próximas ao alemão ou ao latim, como mostra a lista abaixo referente ao latim:

Irá. Mel
Itá. *Pedra e ferro.*
Amó. *Alguém.*
Cera *seu nome*
Ceté, *seu corpo.* ^{Petu} *reté* o corpo de Pedro
Ára, *tempo.*
Mira. *povo* (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4)⁴

Logo em seguida, Eckart anota frases práticas que indicam situações aparentemente banais do cotidiano, como pedir um peixe a um pescador, como dizer que se esqueceu de algo ou, ainda, que não se tem opinião sobre determinado assunto:

Eu falo assim a um pescador: Lança a rede e me traz uns peixes:
retibo, pirá pindá obo amé. [...]
océm xe uánga iũí Saiu da minha cabeça. *Esqueci*
xe pijá rúriũ ónheéng cecé. *Meu coração não me diz nada sobre isso* (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4)⁵

As informações obtidas por observação ou reprodução de sons indicam que o missionário estava em contato direto com interlocutores indígenas, ganhando, nesses diálogos, novos conhecimentos e aprendendo a integrá-los no seu próprio horizonte cultural. Além disso, as frequentes comparações com experiências anteriores o ajudaram a dar sentido às palavras e práticas ameríndios que ainda não lhe eram familiares.

A representação dos índios nas anotações de Anselmo Eckart

³ Traduzido do alemão (em itálico) pelo autor.

⁴ Traduzido do latim (em itálico) pelo autor.

⁵ Traduzido do latim (em itálico) pelo autor.

Além do vai-e-vem entre quatro línguas, há também, como acabamos de assinalar mais acima, frequentes mudanças de assunto, embora todos eles tivessem os índios como sujeitos centrais. Assim, não é possível de nos fixarmos em uma representação única. É evidente que Eckart retoma certos estereótipos, sobretudo a partir da obra de Vasconcelos, mas ele forja também as suas próprias imagens. A língua lhe é um instrumento, ou melhor, um veículo fundamental nesse empreendimento, como já foi exposto anteriormente.

Ao ver as anotações, se percebe que as expectativas pesaram mais do que as ainda “magras” experiências *in loco* do autor, embora ele tenha tido, em 1754, uma primeira convivência intensa com os índios de Piraguiri, onde fez a sua imersão linguística. Assim, podemos constatar que a observação pessoal e a relação direta com os indígenas determinaram também a escolha de suas leituras na obra de Simão de Vasconcelos. Esses procederes condizem com a afirmação de Marina Massimi (2003, p. 80) de que

a compreensão do índio brasileiro em suas características psicológicas, culturais e sociais, para além de um código interpretativo preconcebido, ou de um crivo ideológico que oriente a construção de sua representação, foi favorecida pela existência de um âmbito espaço-temporal de convivência. Uma vez que esta condição se tornou possível, a representação do outro sugerida pelo modelo cultural de referência possuído pelo observador, exigiu de ser modificada pelos dados de observação da experiência direta e pelas interpretações destes dados, colhidas através de relacionamentos concretos com informantes nativos.

Anselmo Eckart fez a construção do índio também com referência ao passado – não tanto o dos indígenas, mas aquele dos apóstolos, enquanto os missionários por excelência. Roberta Lobão Carvalho (2011, p. 11) comenta com respeito às constantes referências dos jesuítas a episódios das escrituras bíblicas ou da tradição apostólica: “As representações jesuíticas concebem a temporalidade e a história providencialmente, podendo desta forma relacionar experiências do passado a expectativas do futuro.” Assim, as experiências do suposto primeiro apóstolo das Índias, São Tomé, como também a afirmação da bula papal *Sublimis Deus* de Paulo III, de 29 de maio de 1537, de que os índios das Américas seriam de condição humana, são basilares para Eckart, pois fundamentam e projetam sua futura atuação missionária na região.

Por isso, não é de se admirar que Eckart retoma, com bastante detalhes, a lenda do apóstolo Tomé, destacando, com referência a Vasconcelos, a suposta coincidência de as pegadas do apóstolo se encontrarem no lugar do desembarque, na costa brasileira, dos

primeiros portugueses e jesuítas, além de recorrer à interpretação teológicas referentes a esse apóstolo “incrédulo”. Parafrazeando, em latim, o respectivo trecho de Vasconcelos, ele cita uma epístola neotestamentária e reflexões de teólogos amplamente reconhecidos:

S. Paulo diz do seu tempo [na carta] aos Colossenses: O Evangelho está sendo pregado a toda criatura que existe debaixo do céu e quem negara q. está a nossa America sub ceo; na parte mediana do mundo. Por isso, [dizem] tanto S. Crisóstomo, na Homilia 61, quanto S. Tomás de Aquino, em sua explicação sobre João Capítulo 11. Tomé foi menor e mais infiel do que os outros: depois, ele se tornou o mais forte de todos, e irrepreensível. [pois] percorreu sozinho a terra inteira [...] (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4)⁶.

Disso podemos concluir que, para Eckart, os índios são inteiramente humanos e incondicionalmente aptos a (re)aceitar a mensagem do Evangelho. Ele reflete, assim, a visão jesuítica da “recuperabilidade” potencial dos índios que perpassa os escritos da Companhia desde o século XVI. Aplicado à Amazônia, Karl Arenz (2014, p. 68) aponta, com referência a Cristina Pompa e Adone Agnolin:

De fato, imbuídos tanto do pensamento neo-escolástico, que atribui uma noção mínima do divino a todos os povos, quanto da reflexão humanista acerca do “homem natural”, os religiosos partiram de uma recuperabilidade potencial dos indígenas, considerados como desviados de sua condição humana “verdadeira” por práticas idolátricas e um comportamento inconstante. A ação evangelizadora foi, por conseguinte, tida como imprescindível para resgatar o “selvagem” de sua vida desordenada e reintegrá-lo à humanidade. Os aldeamentos foram implantados como instrumento eficaz para alcançar este objetivo em termos religiosos, sociais e culturais. Até em sua estrutura física, marcada por um alinhamento retilíneo dos prédios, os estabelecimentos catequéticos refletiram a almejada “ordem verdadeira”, em clara oposição à selva circundante, suposto lugar de trevas e caos.

Enfim, embora Eckart deixe transparecer certa empatia pelos índios, como revela a sobriedade e a relativa exatidão de determinadas descrições, ele retoma, mesmo assim, a ambivalência entre “maleabilidade” e “barbaridade” que se revela na escrita jesuítica composta na Amazônia nos séculos XVII e XVIII (ARENZ & SILVA, 2014). Seja como for, como qualquer jesuíta, Eckart está interessado em “seus” sujeitos. Assim, ele anota os etnônimos dos índios no meio dos quais ele trabalha e vive, mostrando que quer saber quem eles são. Nas suas notas, ele inseriu também uma lista com todos os grupos indígenas que habitavam a “doutrina de Piraguiri: 1. Uruanas 2. Tapiiaras 3. Coribirés 4. Tacóanhapes 5. Goyapis 6. Quiratubas 7. Oiaperas” (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4).

⁶ Traduzido do latim (em itálico) pelo autor.

Mas, Eckart se interessa também pelos eventos, geralmente trágicos, que ocorreram nas redondezas de seu lugar de atuação. Assim ele, menciona os “*mortos na epidemia de 1748, [em] Piraguiri*”, afirmando que “287 contey”, ou ainda a morte de “*dois índios devorados por onças perto de Gurupá, neste ano de 1754*” (IAN/TT, MNEJ-PP, m. 59, n. 4)⁷. Em resumo, Eckart aplica conceitos etnológicos de seu tempo e de sua ordem, mas também constrói uma imagem própria desse “outro” que ele encontrou na Amazônia.

Considerações finais

O padre Anselmo Eckart, integrante dos jesuítas *tapuitinga*, não se destaca somente em razão de sua trajetória peculiar que o levou da Europa central ao coração da Amazônia e, em seguida, até os confins do Império Russo, mas também por causa de seu esforço de compreender mais a fundo o universo indígena no Pará de então. Seu destino foi trágico, pois, sem referências evidentes para poder analisar a conjuntura política em via de profundas transformações, em decorrência das medidas pombalinas, ele se viu impedido de colocar plenamente em prática aquilo que aprendera durante sua formação. Com sua fixação da Língua Geral em vários dicionários, sua insistência na autonomia das missões e certa empatia em relação aos catecúmenos e neófitos indígenas, ele esteve logo – junto com seus conterrâneos Meisterburg e Kaulen – na mira das autoridades. Assim, além de estar atuando em uma zona estrategicamente sensível, próxima ao domínio castelhano, ele interferiu em assuntos tidos como essenciais para a reforma da colônia.

Os poucos anos na Amazônia reverberaram em toda a trajetória do padre, pois foram praticamente sua única experiência missionária. Ele passou, em seguida, vinte anos em diversas prisões e, ao ser liberado, a Companhia já não existia mais. Como outros missionários, ele buscou se justificar, publicando apologias que se referem à estadia na colônia amazônica e, também, dar continuidade, já na clandestinidade, à vida jesuítica. Enfim, sua imersão no universo indígena, tanto linguisticamente quanto culturalmente, não durou mais que quatro anos, mas os vestígios que ele deixou deste processo de aproximação nos permitem hoje compreender melhor as formas de aprendizagem e, também, a mentalidade de um religioso, chegando à Amazônia em um momento de

⁷ Partes traduzidas do latim pelo autor em itálico.

transformação, sentida não somente por ele, mas, sobretudo, pelo grande contingente da população indígena aldeada.

Fontes e referências bibliográficas:

ACOSTA, José de. *De Natura Novi Orbis et de promulgatione Evangelii apud barbaros, sive de procuranda Indorum salute*. Salamanca: Impr. G. Foquel, 1588-1589.

ARENZ, Karl Heinz. Além das doutrinas e rotinas: índios e missionários nos aldeamentos jesuíticos da Amazônia portuguesa (séculos XVII e XVIII). *Revista História e Cultura*, Franca, v.3, n.2, p. 63-88, 2014.

ARENZ, Karl Heinz; PRUDENTE, Gabriel de Cassio Pinheiro. Os padres “tapuitinga”: a atuação de jesuítas alemães na Amazônia pombalina, 1750-1757. In: MULLER, Jean-Claude et al. (orgs.). *Dicionário de Língua Geral Amazônica* [1756]. Potsdam (Alemanha)/Belém (Pará): Universitätsverlag Potsdam/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019, p. 37-50.

ARENZ, Karl Heinz; SILVA, Zady Alberto. “A murta murchando”: o discurso jesuítico acerca dos índios aldeados na Amazônia portuguesa (1653-1759). *Revista Ultramares*, Maceió, v. 5, n. 1, p. 27-54, jan./jul. 2014.

ARRILLAGA, Inmaculada Fernández. Deportação do Brasil e prisão nos cárceres portugueses de um jesuíta alemão: o P. Anselmo Eckart. *Brotéria*, Lisboa, v. 156, p. 171-187, 2003.

ARRILLAGA, Inmaculada Fernández; ARENAS, Mar García. Dos caras de una misma expulsión: el destierro de los jesuítas portugueses y la reclusión de los misioneros alemanes. *Hispania Sacra*, Madri, v. LXI, n. 123, p. 227-256, jan.-jun. 2009.

CAEIRO, José. Apologia S.J. in Lusitania. *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Roma, cód. Lus 95, fl. 1r-334r.

CARTA de Dávid Fáy a seu irmão. Tapuitapera, 16/07/1753. In: RÓNAI, Paulo. As cartas do P. David Fay e sua biografia. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, vol. LXIV, 1942, p. 266-273.

CARTA de Lourenço Kaulen a D. Maria Ana de Áustria. Pará, 16/11/1753. In: LAMEGO, Alberto. *A terra Goytacá: à luz de documentos inéditos*. T. III. Bruxelas: L'Édition d'Art Gaudio, 1925, p. 282-295.

CARVALHO, Roberta Lobão. História e retórica nas narrativas jesuíticas no Maranhão. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011, 16 p.

CATALOGUS Personarum & Officiorum V.Pov^{ae} Maragnonensis Societatis IESU. Pará, 25/11/1753. *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Roma, cód. Bras 27, fl. 188r-189v.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

DIAS, José Sebastião da Silva. *Pombalismo e projecto político*. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1984.

ECKART, Anselmo. Aditamentos do Senhor Pe. Anselm Eckart, Ex-pregador da Companhia de Jesus na Capitania do Pará no Brasil, à “Descrição das Terras do Brasil” de Pedro Cudena e às “Notas à Sexta Contribuição de Lessing para a História e a Literatura”. In: PAPAVERO, Nelson; PORRO, Antonio (orgs.). *Anselm Eckart, S.J. e o Estado do Grão-Pará e Maranhão (1785)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013, p. 54-128 [tradução em português] e 153-296 [fac-símile].

- ECKART, Anselmo. Memórias de um jesuíta prisioneiro de Pombal. Braga/São Paulo: Livraria A.I./Loyola, 1987.
- FALCON, Francisco José Calazans. *A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada*. São Paulo: Ática, 1982,
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. T. VIII. Lisboa/Rio de Janeiro, 1949.
- LITTERÆ Annuæ Missionis Piraguirensis de Lourenço Kaulen. Piraguiri, 1755-1756. *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Roma, cód. Bras 10 II, fl. 481r-483v.
- MASSIMI, Marina. Representações acerca dos índios brasileiros em documentos jesuítas do século XVI. *Memorandum*, Belo Horizonte, v. 5, p. 70-87, 2003.
- MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MEIER, Johannes; AYMORÉ, Fernando Amado. *Jesuiten aus Zentraleuropa in Portugiesisch- und Spanisch-Amerika: ein bio-bibliographisches Handbuch*. T. 1 (Brasilien, 1618-1760). Münster: Aschendorff Verlag, 2005.
- MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *A Amazônia na era pombalina: correspondência do Governador e Capitão-General do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado: 1751-1759*. T. 2. 2ª ed., Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.
- MIRANDA, Susana Münch; MIRANDA, Tiago dos Reis. *A rainha arquiduquesa: Maria Ana de Áustria*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2014, p. 224-226 e 282-285.
- MONTERO, Paula. Missionários, índios e mediação cultural. In: MONTERO, Paula (org.). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006, p. 9-29.
- NEBGEN, Christoph. Inter spem et metum: die Vita des Mainzer Jesuiten Anselm Eckart (1721-1809). *Archiv für mittelrheinische Kirchengeschichte*, v. 55, p. 297-332, 2003.
- NEBGEN, Christoph. Jesuitische Ex-Missionare und ihr Verhältnis zur aufgeklärten Öffentlichkeit im deutschsprachigen Raum. In: HEER, Esther Schmid; KLEIN, Nikolaus; OBERHOLZER, Paul (eds.). *Transfer, Begegnung, Skandalon? Neue Perspektiven auf die Jesuitenmissionen in Spanisch-Amerika*. Basilea/Stuttgart: Schwabe Verlag/Kohlhammer, 2019, p. 195-213.
- PAPAVERO, Nelson; PORRO, Antonio (orgs.). *Anselm Eckart, S.J. e o Estado do Grão-Pará e Maranhão Setecentista (1785)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.
- PAPEIS do P. Ancelmo Eschard. *Instituto das Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (IAN/TT)*, Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça (MNEJ), Papéis Pombalinos (PP), m. 59, n. 4.
- PRUDENTE, Gabriel de Cassio Pinheiro. *Entre índios e verbetes: a política linguística na Amazônia portuguesa e a produção de dicionários em Língua Geral por jesuítas centro-europeus (1720-1759)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- SOUZA JUNIOR, José Alves de. *Tramas do cotidiano: religião, política, guerras e negócios no Grão-Pará do setecentos*. Belém: ed.ufpa, 2012.
- VASCONCELOS, Simão de. *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil*, Lisboa: Oficina de João da Costa, 1668.